

Quem tem medo do Ciep?

CORREIO BRAZILIENSIS

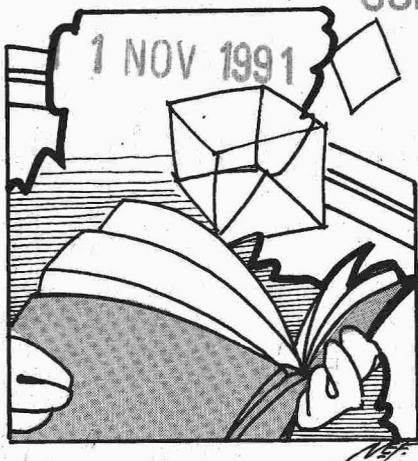
07

Carlos Lupi

Ouvimos, quase diariamente, diversos políticos criticarem o projeto Ciep como sendo um absurdo e sem resultado objetivo. A maioria não se dá ao trabalho de conhecer de perto a proposta pedagógica e o resultado por ela obtido nos Cieps.

Na verdade, o que a gente percebe é que, por detrás desse tipo de discurso, está a visão elitista e raivosa de alguns políticos e partidos que não conseguem compreender e aceitar que a educação no Brasil só começou a ser discutida com seriedade depois que Leonel Brizola, na campanha de 1982 ao governo do Estado do Rio de Janeiro, passou a questionar o assunto, apontando a educação como prioridade.

Os críticos que trabalham para destruir o projeto Ciep são os mesmos que querem desviar recursos dos Ciacs. Eles tentam camuflar a sua verdadeira opção política contrária a trabalhar pela educação do nosso povo, de forma que no futuro cada cidadão brasileiro tenha condições de lutar pelos seus direitos e galgar altos cargos na nossa República. Esses elitistas querem que o povo continue ignorante para ser mais fácil manobrá-lo e direcioná-lo aos políticos clientelistas que, desde a Proclamação da República, dominam o nosso País. Inclusive, procuram comparar o curso da escola convencional ao do Ciep. Farsantes, pois sabem que não se pode fazer essa comparação sem considerar diferenças fundamentais. Existem es-



colas convencionais, por exemplo, que possuem apenas uma sala de aula e outras que chegam a ter até 40. Não há como comparar uma escola do tipo Ciep, com horário integral, assistência médico-odontológica, três refeições de qualidade por dia, com a escola convencional, que já está completamente desatualizada.

Dar uma verdadeira educação ao nosso povo, também, é garantir ao filho do pobre, trabalhador, operário, ou negro, que serão os homens de amanhã, condições para que um dia eles também possam ter acesso e ser parte da elite política. É isso que essa elite, medíocre, omissa e corrupta de hoje, não quer aceitar. Teme que a geração Ciep de amanhã possa fazer as reformas sociais que não teve coragem de fazer até agora.

É importante ressaltar o resultado parcial do segundo Conselho de Clas-

se deste ano de 1991, realizado em vários Cieps na cidade do Rio de Janeiro. Os dados apontam que a pior média de aprovação foi de 64 por cento dos alunos do Ciep Graciliano Ramos. Em todas as demais unidades foi de 70 por cento. Em um Ciep, o Gustavo Capanema, na primeira série, a média de aprovação foi de cem por cento. Essa é a prova aos incautos que não conhecem o projeto pedagógico de tão inovadora proposta, de que nada no Brasil é mais sério do que tratar da educação de nossas crianças, como alguma coisa digna de um país do Primeiro Mundo. É um desafio para os homens públicos que acreditam que o exercício do poder não é apenas o acerto entre as partes, mas, sim, que o exercício do poder se faz na prática, com projetos como este que colocam para a população que, apesar de todo o descrédito que atinge a classe política, este País ainda tem tudo para encontrar o seu destino como Nação soberana, livre e com o seu povo sadio e vivendo feliz.

No fundo, é isso que o Ciep vai fazer um dia, em que pesem os algozes do nosso povo que o querem na ignorância e submisso a uma situação de dependência eterna.

O Ciep, na verdade, é o grito de independência de um povo que não quer ter imperador, e, sim, ser dono do seu próprio destino.

■ Carlos Lupi é deputado pelo PDT do Rio de Janeiro